

## GAÚCHO

Antônio Augusto Fagundes

Os moços de Porto Alegre  
- escritores, jornalistas,  
aqueles que sabem tudo,  
ou pensam que sabem tudo...  
disseram que já morreste.  
Ou então que estás de a pé,  
sem cavalo, sem bombacha,  
sem bota, espora ou chapéu,  
sem comida e sem estudo.

Moços da voz de veludo  
e máquinas de escrever  
produzidos no estrangeiro  
dizem que tu, companheiro,  
morreste ou estás mui mal  
porque o êxodo rural  
te atirou pelas sarjetas  
sujo de pó e de barro  
catando a toa cigarro  
nos becos da capital...

E no entanto, estás vivo!  
Estás vivo e trabalhando  
e produzindo o que comem  
esses moços do jornal.

Quem é gaúcho, afinal?

Tenho pra mim que são três:  
um é o peão, o assalariado,  
o operário campeiro.  
O segundo é o estancieiro,  
o empresário rural.  
O terceiro é o camponês  
que se agüenta bem ou mal  
sem ter nem peão nem patrão.  
No mais, é um homem solito,  
um carreteiro, talvez.

São os homens de a cavalo  
que agarram o céu com a mão,  
rasgando fronteira e chão,  
marcando terneiro a pealo,  
bebendo o canto do galo  
no alvorecer do rincão.

São três homens diferentes?  
No fundo, os três são um só:  
mesma fala, mesma roupa,  
mesma alma, mesma lida...  
Em resumo, mesma vida,  
mesmo barro e mesmo pó.

Um mais rico, outro mais pobre.  
Prata, ouro, lata ou cobre  
que importam, se homem é nobre  
e amarra no mesmo nó?

A bombacha que eles usam  
tem um século. Cem anos!  
Os arreios do cavalo  
são muitos mais veteranos:  
duzentos anos talvez.  
E o chimarrão, o palheiro,  
o churrasco, o carreteiro,  
o truco, a tava, as campeiras,  
a gaita, o chote inglês...?  
São dos séculos passados,  
já tinham, em 93.

E a mesma mulher gaúcha  
inspira cada vez mais.

E a paisagem é sempre a mesma.  
Eterna, mas sempre nova.  
Do litoral à fronteira,  
da serra aos campos neutrais.  
Das missões até o planalto

para frente e para o alto  
como regiões naturais,  
do verde das sesmarias  
até o ouro dos trigais  
- as duas cores da pátria  
que o Rio Grande esparramou  
nas plagas meridionais.

Porque o Rio Grande é eterno  
como é eterno seu luxo:  
tu não morreste, gaúcho,  
deixa que falem, no mais.  
Deixa que o fraco de sempre  
(o fracassado, o vencido)  
tente te encerrar no olvido  
que o futuro lhe promete.  
E que te chamem de Odete  
os desfibrados morais:  
no lombo do teu cavalo  
estás tão alto, tão ato,  
que a lama preta do asfalto  
não te alcançará jamais!

Meu pai veio da campanha  
com a mulher e dez filhos  
e veio para abrir trilhos,  
foi sempre um homem de bem.  
Jamais andou mendigando,  
catando lixo nos valos  
ou toco pelas sarjetas.  
Não se esqueceu das carretas  
nem do tranco dos cavalos.

Nasceu e morreu gaúcho.  
Trabalhou e foi alguém.

E eu herdei seu evangelho.  
Me orgulho daquele velho  
- eu sou gaúcho também!